

**Eixo Temático:
Saúde Mental e Não-Lugares**

RESUMO

DO ESTIGMA DO HOSPÍCIO À SEGREGAÇÃO DOS NÃO LUGARES

Arminda Guimarães Rodrigues
arminda_rodrigues@yahoo.com.br
Instituto Dr. Vandick Ponte
Mestre em Psicologia

A história da Reforma Psiquiátrica, processo ainda em curso, carrega em sua trajetória o crivo inexorável da interrogação sobre os lugares da loucura então, confinada aos muros dos hospícios; “Lugar de louco é no hospício!”

Com Foucault (1978) aprendemos que os dispositivos do saber/poder constituíram os paradigmas universalizantes da razão, pois lançou luz para compreendermos os *regimes de verdade* que negativaram as expressões da loucura.

O modelo hospitalocêntrico instituiu condições de superação quando alcançou seu ponto de ruptura nos limites da produção de assujeitamento e dessubjetivação, como depósito de homens e mulheres abandonados ao próprio sofrimento e desatino, com cotidianos indiferenciados, blindados em um tempo burocratizado de atividades prescritas sem sentido, nem significado.

O advento do conceito de *territorialização* materializado pelos Centros de Atenção Psicossocial- CAPS já denuncia o problema dos espaços/lugares atribuídos aos doentes mentais. Nesse sentido, o trabalho crítico-político-ético desenvolvido pela Psiquiatria Democrática italiana, liderada por Basaglia, propôs a negação do hospício e a passagem da Psiquiatria para a Saúde Mental, por meio da qual deve favorecer o trânsito da vida como criação permanente, com alcance em termos de laço social.

A análise dessas questões, portanto, indicam-nos uma convocação a uma posição ética para concluirmos que os muros caíram e agora o sofrimento está difuso em barreiras invisíveis por toda parte (Ehrenberg, 2002). Constatação alcançada ao observarmos os dispositivos contemporâneos de aprisionamento e exclusão, os *não lugares* anônimos e anômicos que destituem a alteridade, criando condições objetivas e subjetivas de segregação.

Palavras-Chave: Reforma psiquiátrica; estigma; segregação; não lugares; laço social.

ABSTRACT

FROM HOSPICE STIGMA TO THE SEGREGATION OF NON-PLACES

The history of psychiatric reform, an ongoing process, carries in its trajectory the inexorable sieve of interrogation about madness places then, confined to the walls of asylums; "Hospice is the place for crazy people".

We learned with Foucault (1978) that the devices of knowledge/power constituted the universalizing paradigms of reason. He shed light to understanding the *truth regimes* that turned expressions of madness negative.

The hospital-centered model instituted overcoming conditions when reached its breaking point within the limits of the production of subjection and desubjection as a deposit of men and women abandoned by their suffering and madness, with undifferentiated daily routines shielded in a bureaucratized time prescribed activities without sense or meaning.

The advent of the concept of *territorialization* materialized by Psychosocial Care Centers - CAPS denounces the problem of spaces/places assigned to the mentally ill. In this sense, the critical, political and ethical work of the Italian Democratic Psychiatry, led by Basaglia, proposed the denial of asylum and the passage from Psychiatry to Mental Health, which should favor the movement of life as permanent creation, with scope in terms of social bond.

The analysis of these issues, however, shows us a call to an ethical position to conclude that the walls have fallen and now the pain is diffuse in invisible barriers everywhere (Ehrenberg, 2002). This finding is reached by observing the contemporary devices of imprisonment and exclusion, the anonymous and anomic non-places that deprive the otherness, creating objective and subjective conditions of segregation.

Keywords: Psychiatric reform; stigma; segregation; non-places; social ties.